

## Origens, funções e vicissitudes da crença

Resenha de Fabio Herrmann,  
**Psicanálise da Crença,**  
 Porto Alegre, Artes Médicas, 1998, 179 p.

Com a publicação deste volume, Fabio Herrmann complementa a exposição dos fundamentos de sua Teoria dos Campos, já desenvolvida em dois outros livros: *O Método da Psicanálise* e *Psicanálise do Quotidiano*. Além do minucioso estudo acerca da função psíquica que denomina crença, o ensaio também apresenta um exercício do método da psicanálise ao introduzir este novo conceito.

Podemos começar pelo processo de construção do conceito teórico, que costuma ser utilizado pelo autor nas suas investigações. Observa o cotidiano, tanto clínico como de qualquer outra área social, e espera brotar, dessa prática, o movimento que lhe atraia o olhar e a curiosidade. Aproximações sucessivas são delineadas em direção ao objeto de pesquisa. Se possível, sem demasiada pressa, a fim de que se dê o tempo necessário ao estabelecimento de uma nova representação.

No momento, a crença é o personagem central de nossa leitura. Do seu uso comum, o ensaísta explora o máximo de significações conhecidas popularmente, que servem como ponto de partida para sua diferenciação. Aos poucos, da aparente simplicidade do sentido inicial, cria-se um campo de estranheza e de indagação do uso corrente do termo, dando chance para que as contradições, os paradoxos e o que estava oculto comecem a se revelar.

Há uma reorganização do pensar comum e são feitas alterações no tema bruto. Aquilo, que parecia de certa forma lógico e coerente, perde seu lugar de conhecimento banal e se desdobra em diversas conexões com outros sentimentos, idéias, emoções. Como escreve o autor, é "preciso tra-

çar as etapas de derivação possível, jamais atribuir causalidade" (p. 123). Esboça-se assim o mapeamento básico para a exploração da crença no pensar cotidiano e psicanalítico.

Herrmann procura situar o conceito em uma malha de relações, sobretudo, não perdendo de vista a origem e a dimensão fenomenológica do objeto escolhido. Parte, então, da crença no seu senso comum e empírico para depois estabelecer sua ligação com a psicanálise, e, particularmente, com a sua própria teoria desenvolvida.

O fundamento básico da contribuição do ensaísta reside na idéia de que a crença é responsável pela sustentação das representações. Nossa linguagem é a linguagem da representação. "Pulando a cerca da representação, o homem vai ao encontro da loucura" (p. 14). Portanto, a crença está por toda parte. Participa decisivamente da função geral de asseguramento do nosso dia-a-dia.

Em outras palavras, a crença sustenta o estado natural do homem no sentido de não precisarmos verificar a ori-

gem ou o sentido de nossos pensamentos ou sentimentos, condição, aliás, que nos seria insuportável. Como escreve o autor:

"A crença perfeita é discretíssima; nunca a ela nos referimos como crença, pois ela se perde no ato psíquico, por assim dizer meu nome, é raro que precise acrescentar um reforço do tipo: 'Estou certo de que me chamo assim', pois nenhuma representação o nega" (p. 35).

Tal como a rotina, a crença cumpre a função de manter o plano das aparências de uma forma que se oculte, numa certa medida, o absurdo que somos e no qual vivemos. Os princípios que regem o inconsciente seriam insustentáveis por nós, caso ficassem à tona e perceptíveis durante um longo período. A meu ver, funciona como camada autoprotetora da psique, tentando amortecer áreas mais explosivas e desorganizadoras, cujo motor é a vida pulsional. Nesse sentido, a crença é uma das condições de possibilidade de pensar, do sentir, do agir. De acordo com o autor, é um modo da psique e trata-se de uma propriedade do espírito que funda toda e qualquer representação.

Logo no início do texto, Herrmann afirma que "A vida civilizada depende da laboriosa diferenciação entre o reino profundo do *contágio* e o plano superficial da representa-

ção" (p. 11). A superfície representacional desempenha um papel defensivo. O *contágio* se refere ao "estado de máximo contato entre os homens, onde se dissolvem os limites entre sujeito e objeto" (p. 15), tais como as vivências de paixão, guerra, sexo, nascimento, morte etc.

Aí surge um ponto importante para a compreensão da dinâmica do conceito. A representação possui duas faces. A primeira acusa o mundo e a segunda acusa o sujeito. A crença modal assegura a face externa, a crença crê na realidade, e assegura a face interna, a crença crê na identidade do sujeito.

A crença mantém a superfície de intersecção entre o mundo e o sujeito. Isto quer dizer que de um lado cuida da demarcação dos limites internos, da carga pulsional em constante movimento e, de outro lado, da desmedida inter-relação entre os homens, do *reino do contágio*.

Só nos estados de conflito entre *real* e *desejo* é que se evidencia a separação entre as duas faces. Vale um pequeno parêntese sobre tais termos. Para o autor, o *real* é o processo incessante de produção de sentido psíquico no mundo. O *real* é tão irrepresentável como o *desejo* humano e podemos nos referir a vários reais, isto é, ao campo do real, que gera, apreende e expressa várias relações. Como exemplo, saudade, teimosia podem ser estudadas em seus campos. A *realidade* pertence à superfície, apóia-se no campo do *real* e significa o conjunto dos representáveis.

Assim, é nessa contradição entre *real* e *desejo* que a crença fica evidente, pois no cotidiano ela é habitualmente imperceptível. Raramente se questiona algo mínimo como o conhecimento da própria idade, acredita-se que ao acordar se estará vivo até o final do dia, alguns ditos populares determinam alguns pensamentos, o analista crê na confiabilidade das teorias psicanalíticas etc. Porém, são nos momentos de algum tipo de discórdia entre as representações, que elas ocupam lugar de destaque ou como comenta o autor: "... a imperfeição da crença se faz notar..." (p. 35).

A naturalidade e falsa imutabilidade da crença se desfazem nos denominados *estados de crença*. Quando se precisa usar da *convicção*, algo em que se acredita já está sendo abalado. *Dúvida e certeza* começam a aparecer. E quanto à fé, "Duvido? Jamais!... Digamos que só tem fé quem quase a perdeu..." (p. 36). São estados em que se denuncia que acreditado em algo.

Herrmann começa a introduzir a idéia de que a luta da crença é se equilibrar no instável, pois assim é a vida humana. "Na vida urbana o estado de crença é sempre requisitado. Da condução ao trabalho, do trabalho à produção acabada, daí ao mercado, ao lucro, ao desemprego ou à aposentadoria, o homem urbano vive em estado de crença. A crença indispensável para cumprir a rotina insegura num mundo em mutação, notabiliza-se, fica aparente." (p. 44).

Na visão do ensaísta, quando se rompe o campo das representações, vive-se um estado provisório de não-representabilidade. Talvez um conto da Clarice Lispector possa ilustrar de maneira mais viva esse momento particular.

Do livro *Laços de Família*, o conto denominado *Amor* narra a vida de Ana, dona de casa dedicada e imersa na rotina da família. Sem nenhum vislumbre de dúvida tocava sua vida. "Estava bom assim. Assim ela o quisera." "Quanto a ela mesma, fazia obscuramente parte das raízes negras e suaves do mundo." (p. 31). Em um dia, no bonde que se dirigia a Humaitá, Ana olhou para o homem parado no ponto. "O que havia mais que fizesse Ana se apurar em desconfiança? Alguma coisa intranquila estava sucedendo. Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes." (p. 32).

"A rede de tricô era áspera entre os dedos, não íntima como quando a tricotara. A rede perdera o sentido e estar no bonde era um fio partido; não sabia o que fazer com as compras no colo. E como uma estranha música, o mundo recomeçava ao redor. O mal estava feito. Por quê? Teria esquecido de que havia cegos?" ... "Mesmo as coisas que existiam antes do acontecimento estavam agora de sobreaviso, tinham um ar mais hostil, precíval" ... "O mundo se tornara de novo um mal-estar. "... "Expulsa de seus próprios dias, parecia-lhe que as pessoas da rua eram periclitantes, que se mantinham por um mínimo equilíbrio à tona da escuridão - e por um momento a falta de sentido deixava-as tão livres que elas não sabiam para onde ir" ... "O que chamava de crise viera afinal..." (p. 33).<sup>1</sup>

A continuidade do cotidiano se rompe e Ana é capturada por um questionamento ilimitado. Sinais da idéia de *fresta* podem ser visualizados no conto. *Fresta* significa para o autor a hipótese de descontinuidade. Toda *fresta* é ruptura entre realidade e identidade.

"Essencialmente, uma *fresta* lança suspeita sobre a montagem da aparência." (p. 61). A *suspeita*, reverso da crença, é imoderada e desmedida; gerada por uma *fresta* entre realidade e identidade, invade toda a superfície de aparência. "A suspeita quer saber o que está do outro lado da aparência, porquanto aparência é falsidade" (p. 75). É o caminho para a crença delirante. Já a dúvida, reduz a expansão da suspeita e limita a alternativas como: será isso ou aquilo? A dúvida é o começo do retorno, não se alastrando como a suspeita.

A dinâmica que põe em risco os elos de pensamento e a possível perda de comunicação, como acontece nas psicoses, é da seguinte maneira apresentada por Herrmann: a *lógica de concepção* emerge à superfície e ameaça a credibilidade das representações. *Lógica de concepção* aproxima-se daquilo que a psicanálise define como processo primário, é a lógica da produção psíquica de uma idéia ou sentimento. O delírio coloca à mostra exaustivamente a origem das idéias, onde desejo e real perdem as suas mediações. O corpo físico fica exposto: coração, pulmão, fígado, músculos são evidenciados, as funções mentais se fazem notar, o corpo social perde sua aparente harmonia e o tempo não tem mais uniformidade.

Vimos anteriormente que todo bom funcionamento mental traz em si a crença. Desse ponto de vista, não é um distúrbio que precise ser curado. Ao contrário, é uma função normal do psiquismo no sentido de sustentar o espaço tensional das representações fugidias. No decorrer dos ensaios, são apresentadas descrições e análises da crença nas dinâmicas obsessiva, histérica, reversa, etc.

Em termos tópicos, o autor a localiza no pré-consciente, lugar em que se produz crença continuamente. Esse dado pode facilitar a compreensão do conceito em relação à metapsicologia freudiana, ou seja: "Crença é a medida da transformação da energia dos complexos inconscientes em estrutura de representação." (p. 49). Enfim no último capítulo, Herrmann situa a crença no campo analítico: a *ruptura de campo* proporciona um trânsito entre as diversas representações que uma pessoa tem de si mesma. Produz um estado de vácuo representacional e a possibilidade de se rever identidade e realidade.

O livro exige do leitor. Porém, fica evidente que Fabio Herrmann tem a capacidade de mostrar as sutilezas das manifestações humanas, com humor e autenticidade, dentro de uma escrita sofisticada e erudita.

#### NOTA

1. C. Lispector, *Laços de Família*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1997, p. 29-41.

Magda Guimarães Khouri é candidata do Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.